

A TERRA DO SONHO. IGREJA E OCUPAÇÃO NO MATO GROSSO APÓS 1970. MEMÓRIA DA RECONSTRUÇÃO DA VIDA PRIVADA.

Vitale Joanoni Neto*

O fluxo migratório de todas as regiões do país para a Amazônia tem sido constante durante séculos variando quanto aos objetivos que o nortearam, quanto à sua intensidade e quanto aos pontos do imenso território, que foram alvos da ocupação nos diferentes momentos. Neste artigo trataremos em particular da Amazônia meridional mato-grossense que, na segunda metade do século XX, sob o patrocínio da Doutrina de Segurança Nacional, foi alvo de obras como a abertura das grandes rodovias federais que cortaram o estado de Mato Grosso, as BRs 163, 364, 158; os grandes projetos de colonização e a necessidade de atrair mão de obra para este imenso território. Estas rodovias tornaram-se grandes eixos norteadores da ocupação da região. À medida que elas avançavam, novas áreas se abriam e renovavam-se as promessas de fertilidade, riqueza, visando atrair a migração.

Em 1971 o governo Federal criou o Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulos à Agroindústria do Norte e do Nordeste (PROTERRA). Tal medida, entre outras, permitiu em última análise a aquisição de grandes faixas de terras públicas por empresários que desenvolveram projetos privados de colonização.

No Estado de Mato Grosso, dezenas de empresas de colonização espalharam-se por sua extensa faixa norte predominantemente trabalhando com migrantes vindos do sul e centro sul do país. Entre 1977 e 1985 200 mil pessoas se instalaram ao longo do eixo da BR-163.

Essas empresas desenvolveram forte campanha publicitária no sul e sudeste do país e seu público alvo foi o minifundiário, pequenos produtores capitalizados daquela região que vendendo seus dez, por vezes cinco alqueires no Paraná, por exemplo, podiam comprar até 200 alqueires no Mato Grosso. A troca de uma área pela outra não se deu sem dificuldades que começaram dentro das casas. Não raro encontramos famílias se separando, conflitos familiares, ressentimentos que afloram décadas após, nos depoimentos, sinal de se a oferta das empresas de colonização se impunha como solução, muitas barreiras tiveram que ser superadas e a um alto custo.

Eu vim com a minha família né, foi mais ou menos no ano de 1985 [...] lá a gente era agricultor lá a terra muito pequena [...] aí meu pai tinha um sonho de ter um pouco mais de terra aí meio a contragosto da família [...] viemos todo mundo pra cá [...] naquela região tinha

* Departamento de História da UFMT

muito latifúndio, o nosso trecho lá era assim terra lá era pequeninha era dois alqueires, um alqueire e meio só de café¹.

A propaganda levada a efeito pelas empresas tomava várias formas. Cartazes afixados nas Associações e Sindicatos Rurais, Palestras, Reuniões, nas quais os corretores expunham as vantagens da região, programas de rádio, jornais informativos. Havia também a propaganda indireta. O próprio migrante, ou membros da família divulgavam o projeto em suas cidades de origem. No depoimento abaixo temos uma idéia de como essa propaganda era veiculada. À idéia de que no Paraná já não existiam mais terras se impõe outra como continuidade do raciocínio de que o Mato Grosso ainda “está por fazer”, existiriam terras abundantes e baratas.

Ficamos sabendo de Juína assim: no Mato Grosso tem uma cidade que está começando agora, vamos para lá, porque o Paraná já está pronto, já está feito, quem não tem, não tem, quem tem, tem, né. Aí juntou várias pessoas numa kombi, ali dentro tinha um picareta. Na cidade tinha umas pessoas que acompanhava a cada 10 pessoas ele acompanhava até ir para o destino. Então veio aquela kombi e o picareta, prá chegar aqui e comprar. E foi onde que meu pai comprou².

O Brasil é, do ponto de vista do estudo das migrações, um imenso organismo vivo com deslocamentos freqüentes e multidirecionados. Há um fluxo que denominaremos alternativo e outro dirigido. Nenhum deles pode ser visto como espontâneo, a diferença entre ambos é que o primeiro é motivado pela pressão na origem, enquanto o segundo soma a essa, uma orientação quanto ao destino. Ambos resultam das ações do estado para driblar as pressões sociais e econômicas que em dado momento se estabelecem em determinadas regiões, rurais ou urbanas, impelindo as pessoas a saírem em busca de alternativas econômicas, ora procurando colocação profissional, ora fugindo da proletarização, que para o pequeno camponês é sinônimo de miséria nas periferias das cidades. Nos depoimentos coletados e no material produzido pelas empresas de colonização fica claro que no caso dos agricultores do sul houve uma tentativa de dirigir a migração para os projetos desenvolvidos no Mato Grosso, já quando observamos a migração oriunda do nordeste, a única coisa clara é a necessidade imperiosa de sair. A colocação de barreiras, os controles de acesso, nos projetos de colonização, deixa claro que essas pessoas não eram bem vindas nessas áreas.

A nos resolvemos sair do ceará assim né porque nós sofreno passano precisão muita gente chorano com fome procurava uma coisa prá come não tinha meu marido ganhava muito pouco um filho meu trabaiava na prefeitura ganhava 30 reais por mês quando ele vinha receber aquele dinheiro a gente já tava passada dentro de casa esperando pelo aquele dinheiro ... [marido] nós quebrava pedra lá ... [mulher] não tinha o que comer aí eu tinha que quebra pedra [...] Pedra é, uma pedra de ferro bem grande que tem, aí a gente sai quebrando ela e faz uma umas pedrinhas de concreto piquininha prá encher alicesso de casa aí depois a gente sai procurando comprador de noite prá vender a cinquenta centavos a lata ... [marido] a gente faz a brita ... pois é por causa desse cinquenta centavos eu comprá pão um pouquim de açúcar [...] agente não conhecia aqui não eu saí do Ceará, eu saí de lá cum, peguei trinta real, todim que

eu peguei eu vendi quatro galinha minha sogra me deu cinco conto, prefeito deu cinco aí dos cinco eu tirei logo quatro e cinquenta sei que sobrou um cinco e pouco né...³

Nos projetos privados as empresas destinavam à ocupação por lavradores apenas uma parte da área total. No caso da Indeco, Projeto Alta Floresta, menos da metade da área foi destinada ao loteamento, o que segundo Guimarães Neto⁴, era apenas o pano de fundo para a implantação de um grande empreendimento econômico e sedimentação de um projeto político de dominação social que impossibilitava o sucesso do pequeno camponês. Com o tempo os lotes foram fracionados em parcelas cada vez menores e o lavrador que havia trocado sua terra no sul por uma propriedade maior no Mato Grosso, via-se agora novamente às voltas com poucos hectares para sustentar sua família. Gradativamente haviam voltado à condição de pequenos proprietários, minifundiários. “*Os colonos foram verdadeiros peões da colonização*”⁵.

A ocupação do noroeste de Mato Grosso após 1970:

Foi em meados dos anos 1970 que surgiram as primeiras iniciativas para a ocupação do noroeste com a abertura da rodovia AR-1 e os projetos Juina, Juruena, Coloniza e Núcleo Ariel.⁶ Data deste período também, a divulgação pela imprensa, do potencial econômico da região, em notas que por vezes extrapolavam os limites do plausível⁷, não só quando se referiam à região como um todo, mas também – ou principalmente – quando se referindo ao Projeto Juina, menina dos olhos do governo do estado naquele momento e primeira iniciativa concreta de fixação de agricultores na área:

O sucesso econômico do empreendimento é assegurado [...] sobretudo pela localização da área do projeto, privilegiadíssima em termos de mercado. [...] o projeto Juina ocupa uma área em pleno centro da América Latina, ou seja, com possibilidades de transformar-se em poucos anos num dos maiores centros de abastecimento de gêneros aos países do Caribe, do Pacífico Sul, do Noroeste Africano e naturalmente dos Estados Unidos e Europa.⁸

Tais imagens vendidas por todo o país, mas principalmente nos estados do sul, criaram um imaginário sobre a região noroeste como sendo a terra da promessa. A imprensa e as autoridades referiam-se ao projeto como o eldorado, imagem mítica que transformou-se no decorrer do tempo em sinônimo de paraíso, lugar pródigo em delícias e riquezas. Imagens que facilmente transitam entre o profano e o sagrado no universo religioso e popular e que persistem no tempo, incorporadas à memória coletiva dos colonos e depois dos munícipes destas áreas.

Uma vez na área o desafio posto aos colonos migrantes era o de vencerem as dificuldades iniciais, superarem o impacto da chegada, e fixarem-se na nova terra. Para isso

valeram-se do artifício da organização comunitária, que assumiu formas muito diferentes nos muitos projetos existentes pelo norte matogrossense. Esse modelo de ocupação e convivência é comum nas vilas, povoados, lugares de ocupação tradicional, nos quais os códigos que regem a vida são consuetudinários, onde íntimo e comunitário compõem o cotidiano⁹.

Nos Projetos de Colonização diferentes estratégias foram usadas para a constituição do *lócus* comunitário, com diferentes graus de sucesso. Há casos de Centros de Tradições Gaúchas, os CTGs, agregando migrantes dos mais diferentes cantos do Brasil, escolas como pontos de encontro nas incipientes cidades, vilas rurais como referência para grupos de agricultores, Associações de Produtores organizadas nos mais diferentes perfis. Basicamente o que se buscava eram espaços de convivência que se tornaram pontos de apoio para a reconstrução da vida nos novos locais.

Em Juina encontramos na Igreja Católica uma importante referência comunitária. Essa paróquia chegou a ter 1.400 comunidades espalhadas por seus 123 mil Km², área que hoje compreende os municípios de Juruena, Cotriguaçu, Colniza, Aripuanã, Castanheira, Rondolândia, mas foi na região do município de Juina que essas pequenas estruturas desempenharam um papel mais significativo.

A necessidade dessa rotina é religiosa, mas é também um importante elemento de construção de identidade daquele grupo nascente. Aquelas pessoas se reuniam para se conhecerem e discutirem sobre si, seus projetos individuais, suas necessidades e colocarem em prática, projetos coletivos.

Os colonos migrantes chegavam a uma terra estranha, em busca de um sonho, e necessitando estabelecer laços, pontos de referência para se situarem. Tal organização atendeu às expectativas daquelas pessoas garantindo uma rotina de encontros. Essa organização comunitária foi sinônimo de autonomia laica não por opção, nem por imposição, mas pelo contexto dado.

Percebia que um caminhão de mudança chegasse aí já ia lá até ajuda descarrega, já fazia aquela festa ali, que tinha chegado uma família a mais, daí já fazia amizade já falava, tal dia nois temo reza, quando era na próxima aquela família já tava junto, dali em diante já caminhava junto. A noite pra ir rezar era muita mata e naquela época também a gente quase não tinha nem lanterna e a mulherada com criança nós fazia aquelas tocha sabe, nós pegava pau ocado e enchia de óleo diesel e pano e ponhava fogo na ponta e fazia aquela tocha e ia por dentro do mato, reza a noite com aquela tocha de fogo alumando (risos). Era muito gostoso. Era animado, onde passava não ficava ninguém. Se tinha um terço na casa de um vizinho ia todo mundo, não ficava ninguém em casa. Porque era tudo mata não tinha ninguém pra gente sai, não tinha. Qualquer coisa passava o dia.¹⁰

A igreja motivou a convivência e aproximou as pessoas, ao mesmo tempo as pessoas se organizaram com notável liberdade, sem o peso do controle institucional, podendo voltar

suas ações para seus propósitos imediatos. Essa organização contribuiu para a criação de uma vivência cotidiana em Juina. O lugar da peregrinação, do sonho, da utopia, aos poucos foi sendo racionalizado e se tornando o lugar da casa. A utopia passou a ser projetada em outros espaços. A memória desse reinício de vida aparece como que sacralizada, nega as evidências presentes no próprio relato. As provações e os sofrimentos que aparecem como duríssimos, estão sublimadas, são apresentadas com um sorriso, lembrança de um tempo em que a esperança inundava o presente e nenhum preço parecia alto demais.

Eu morava no sítio. Fiz um barraquinho assim na beira da estrada onde o trator puxava assim para fazer o esgoto [...] moremos um bom tempo debaixo da lona [...] Meu marido bebia, não fazia nem pra ele [...] se eu quisesse tratar dos filhos eu tinha que dar duro. Eu amarrava uma rede de um pau no outro e colocava um filho lá e o outro na barriga e o outro gatinhando [...] apesar de tudo eu morava perto de minha mãe, eu me divertia muito e não achava ruim. [perguntamos se gostava de Juina em 1978, quando chegou à cidade] Amei, eu ficava igual moleque trepando nos paus. Com o buchão na boca [grávida] e trepando nos paus¹¹.

Aí foi então que minha vida começou aqui em Juina com meus pais. Pegou um caminhão, colocou nossa mudança dentro [...] Hoje a gente faz do Paraná aqui com três dias, nós fizemos com 14 dias. [...] Então morei numa casinha nos fundos, só com 2 cômodos ali, um barraquinho pequeno, até construir. Depois que passou 2 anos, deixamos os 2 prédios prontos, aí minha casa ficou pronta e saí do barraquinho e vim morar nessa casa. Fazia dois anos que eu estava aqui em Juina ajudando a construir. Eu era servente de pedreiro junto com os homens. [...] Era uma delícia aquele tempo! Eu tenho saudades daquele tempo!¹²

No espaço/tempo sacralizado o olhar está tomado pela mística, pela fé, tudo tem a cor da esperança, as relações interpessoais estão marcadas pela emotividade e isso, em Juina, facilitou a convivência, a partilha e a comum união. Estas lembranças estão presentes nas memórias dos moradores da cidade, hoje, como um caro valor constitutivo daquela comunidade. A primeira pessoa se recorda das dificuldades conjugais, de moradia, filhos pequenos, com leveza. Afirma em seu depoimento ter amado Juina desde o primeiro momento. Fácil perceber as dificuldades econômicas pelas quais passou e deduzir que, muito provavelmente, ela não teve outra escolha a não ser ficar na cidade. Sair significaria movimentar um recurso econômico inexistente e a necessidade de um destino. Ela se recorda da proximidade entre as pessoas, da solidariedade. Atualmente é uma pequena empresária, dona de um hotel e de um garimpo. Seu primeiro marido tornou-se um “pé-inchado” (peão) e vive pela praça da rodoviária à espera do “gato” e da próxima empreita. O seu sucesso contra todas as dificuldades ressignificou tais experiências em sua memória, sem desvalorizá-las. Quando dirige seu olhar para o presente, torna-se mais cética. As incertezas presentes impõem a racionalidade ao olhar.

Era bem melhor do que hoje. Todo mundo era amigo, todo mundo enxergava todo mundo. Ninguém era melhor que ninguém, todo mundo era igual.[...] Hoje [...] ninguém enxerga ninguém¹³.

A segunda pessoa migrou para Juina para assumir ali os negócios do pai, comerciante no Paraná que investiu no projeto. Casou-se e mudou para a nascente cidade. Em suas lembranças, muitos episódios que demonstram a dureza de um cotidiano de trabalho, de carências, de falta de infra-estrutura, mas todos apresentados com leveza, igualmente ressignificados pela memória. O espírito comunitário, os apoios mútuos, a superação das dificuldades em família, o amor pelo marido. As dificuldades estão sublimadas, o passado sacralizado como momento de conquistas, vitórias e vida feliz, contrastando com suas impressões presentes.

No espaço da vida cotidiana, racionalizado, o olhar é funcional, as ações visam as necessidades imediatas (limpar, roçar, semear, enfim, trabalhar para o sustento da família), isso marca as relações interpessoais. Ganha força a individualidade e a emotividade passa a ser vivida restrita ao sujeito, a um tempo e a um lugar.

Se a princípio tudo foi sacralizado, pois identificado à esperança, à crença na redenção, com o passar do tempo o estranhamento deu lugar à rotinização. O Indivíduo identificou o espaço ao redor, nomeou locais, abriu caminhos, fixou-se e se identificou com o recriado. O mundo da rotina é o mundo profano, as atitudes cotidianas se desvinculam da sacralização, se racionalizam. A gradativa transformação do desconhecido em espaço cotidiano o dessacraliza, pois a memória coletiva religiosa não pode admitir não ser igual ao que era na origem ou sua transformação noutra coisa. Na memória ficou gravado o lugar da chegada, não como uma vaga réplica, mas como o lugar de afeto, gravado pelo coração. Isso ajuda a entender a saudade geral sentida pelos muitos entrevistados daquela nascente cidade em que chegaram, por mais que tenham enfrentado dificuldades. Uma espécie de “nostalgia das origens”.

Os colonos migrantes reuniram-se em comunidade e procuraram organizar-se, inclusive porque acreditavam que sua organização poderia auxiliá-los a atingir seus objetivos, seus sonhos na nova terra. O passar dos anos e o desenvolvimento de uma rotina de trabalho os levou de encontro a uma realidade com frequência diferente da imaginada inicialmente. A esperança da posse da terra, do conforto para os filhos, a impossibilidade de voltar, foram apostas altas. O capital investido não foi só aquele usado na organização de um lote, mas anos de vida e trabalho, um dia-a-dia repleto de histórias fantásticas, de uma força e coragem difíceis de compreender.... *até o dia que eu ia ter filho eu trabalhava na roça.* [Pergunta sobre o auxílio da parteira] *Graças a Deus com parteira foi só um, os outros foi tudo eu sozinha.*¹⁴

Das necessidades sentidas inicialmente, produto de sonhos, que eram sim, dadas as circunstâncias, sonhos coletivos, paulatinamente passou-se ao cotidiano da vida privada.

Arrefeceram-se aqueles sonhos, outros surgiram. Indivíduos economicamente menos privilegiados vivem para o mundo futuro, para a promessa de salvação, crêem fazer parte do povo eleito por Deus que os redimirá de sua pobreza e os conduzirá ao paraíso, dessa forma, as barreiras que lhes são impostas pelo mundo, ganham uma outra dimensão com as cores da esperança. Resignam-se diante das dificuldades crendo na idéia da redenção.

No começo quando eu cheguei eu pensava, eu vou chegar, quando eu puder eu compro um sítio eu vou formar um sítio bem formado, que seja meu, para mim se instalar, acabar de criar meus filhos nesse sítio, mas não deu como eu queria. Nunca pude comprar um sítio [...] eu tinha toda força e saúde, eu tinha toda a esperança do mundo. Eu nunca cheguei para o meu marido e falei, ‘vamos voltar para trás’ nunca, nunca falei isso, por mais que a gente sofreu...¹⁵

Essa senhora e seu marido foram para Juina arriscar a sorte. Não tinham condições de comprar um lote, mas a esperança falava mais alto. Trabalhando em terra alheia, vivendo de porcentagem, salário, jornadas multiplicadas por muitas vezes, morando em barracos improvisados, ano após ano a vida foi passando e o brilho daquela esperança de ter a terra, “*um sítio bem formado, que seja meu*”, foi cedendo lugar para a dura realidade de uma vida vivida à margem. A força e a saúde se foram junto com a esperança, mas contrariando uma tendência muito comum em situações como esta, ela não migrou para outro local, não buscou a terra em outro projeto ou outra área de fronteira. Talvez por ter tido toda a esperança do mundo de que ali seria o local onde a conseguiria.

Neste mundo urbano e racionalizado, as relações sociais entre os cidadãos assumiram características diferentes daquelas colocadas para o início da colonização local. A força centrípeta, protetora, característica das comunidades iniciais, foi substituída pela força centrífuga, característica da economia das sociedades modernas. Passado o primeiro momento de espanto e atordoamento, as pessoas se recompõem, buscam compreender a nova realidade e reorganizar seus planos para o futuro. O entorno, agora intelectualizado, reconstrói e é reconstruído. As pessoas aprendem as lições do desconhecido e a ignorância, aos poucos, dá lugar a pequenos fragmentos do que virá a ser o conhecimento do meio¹⁶. Esse processo não ocorre impunemente. Trás junto consigo o distanciamento, a individualização, o fim de muitos sonhos, daquela proximidade criada pela força da necessidade, da partilha da precariedade de cada um.

Quando nós chegamos aqui era um lugar novo, era muita dificuldade. O povo de fato sentia a necessidade de unir, de união, e eu pude acompanhar esse processo durante muito tempo, então era falta de estrada, era falta de tudo, era aquela luta pela vida, luta por terra, era aquele sofrimento, o povo se unia, o povo dava as mãos e o povo rezava e o povo vinha em busca das coisas [...] como exercer sua cidadania, como reivindicar seus direitos [...] e como a Igreja na época ela oferecia isso [...] então o povo sentia essa necessidade e aí o povo vinha, o povo participava dos encontros, o povo voltava para as comunidades [...] Com o passar do tempo esse povo foi se organizando aí não havia mais aquela necessidade que eles tinham, aí cada

um, hoje, por exemplo, cada um tem seu pedaço de terra, tem sua chácara, tem seu café lá plantado, tem no mínimo um veículo uma moto pra se locomover daqui pra lá, a vida ficou mais fácil pra eles, quer dizer, eles conseguiram melhorar de vida, aí se estabilizou então agora falam assim, bom então agora eu não preciso muita coisa [...] agora eu não preciso mais tá pedindo pro meu vizinho favor, não precisa mais do seu irmão que tem Jippe pra levar todo mundo pra cidade [...] então a vida ficou mais fácil e o povo ficou mais longe de Deus. Eu não sei se ficou mais longe de Deus, mas formas diferentes agora de expressar a fé, ou de luta.¹⁷

A vida em comunidade chegou a ser para muitos a única forma de superar o impacto da migração. Para outros esse processo foi mais gradual, puderam manter os contatos com o local de origem, possuíam alternativas àquele investimento, então sua adaptação ali estava dada como uma possibilidade. Apesar dessas diferenças houve um momento, no início da ocupação do projeto em que elas cederam lugar ao impacto provocado pelo novo, à esperança de sucesso. Por um momento as distâncias sociais estiveram reduzidas e a convivência entre aquelas pessoas suplantou quaisquer diferenças. Se a tônica das comunidades em Juina ao longo dos anos não foi essa, não se pode negar que sua organização facilitou esse convívio inicial.

Eu fiquei doente quando fui operada ali, o compadre Gringo [proprietário de posto de combustível, pesque e pague, fazendas e do primeiro supermercado da cidade], o irmão de Jandir, o Dr. Hilton iam todos na minha casa, sentavam na minha cama, trocavam idéia comigo. [...] o compadre Gringo quantas vezes me levou latas de leite ninho do mercado dele porque nossa vida era muito precária. [...] antes eu andava mal vestida na calçada e todo mundo me enxergava, eu era amiga de todos [...] nós éramos aquela família bem vinda. Todos compartilhavam. Hoje [...] ninguém enxerga ninguém¹⁸.

Passado o momento de tensão e risco, o indivíduo agora podia voltar-se para a reconstrução de sua vida privada, não precisava mais pagar o preço da socialização de sua vida no cotidiano das comunidades. Como diz Martins: *no momento dos enfrentamentos...as pessoas se articulam no comunitário...assegurados os 'direitos', os grupos se fragmentam...uma forma de assegurar a emergência do indivíduo e de seus interesses sobrepostos aos da comunidade.*¹⁹

Referências Bibliográficas:

- BIANCHIM, Maria Aparecida. *Juina uma história não contada*. Sinop, 1994. 125p. Monografia (Especialização em Psicologia da Educação) – Instituto Universitário Norte-Matogrossense de Sinop, Instituto de Educação da UFMT.
- Dom Antonio convida Pe. Duílio para dar uma palavra. *O Poder Noticioso*. Juina, segunda quinzena, maio 1983, p.8.
- Editorial. O Brasil precisa de Juina. *O Poder Noticioso*. Juina, segunda quinzena, jul. 1987, p.1.
- FERREIRA, Eudson de Castro. *Posse e propriedade territorial*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1986.

Governo mato-grossense resolveu integrar Aripuanã. *Diário de Cuiabá*. Cuiabá, 2 set. 1971, p.8.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A lenda do Ouro Verde: política de colonização no Brasil contemporâneo*. Cuiabá: UNICEN, 2002.

MARTINS, José de Souza. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: SCHWARCZ, L.M. (org.), *História da vida privada no Brasil*, vol.4, pp.659-726. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

O tesouro dos Incas estaria em Aripuanã. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 14 abr. 1978, p. 10.

Ponha a sua vida neste grande projeto. *Folheto informativo*. Cotriguaçu Colonizadora do Aripuanã, s/d.

Projeto Juina. Bem vindo ao futuro! *Folha de Londrina*. Londrina, 7 abr. 1978. Suplemento, p.5.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHAEFER, José Renato. *As migrações rurais e implicações pastorais*. São Paulo: Loyola, 1985.

VARGAS, Rodrigo. Precariedade das estradas ameaça o abastecimento no extremo noroeste. *Diário de Cuiabá*. Cuiabá, 1 abr. 2003, Cidades, p. B1.

¹ Depoimento. Juína, 31 maio 2001.

² Depoimento. Juína, 21 set. 2000.

³ Depoimento. Juína, 23 out. 2000.

⁴ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A lenda do Ouro Verde: política de colonização no Brasil contemporâneo*. Cuiabá: UNICEN, 2002, p. 125.

⁵ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A lenda do Ouro Verde: política de colonização no Brasil contemporâneo*. Cuiabá: UNICEN, 2002, p. 87.

⁶ O Núcleo Ariel foi projetado a partir de 1974 pela Otsar Empreendimentos S/A, mas só desenvolvido anos depois quando a Cotriguaçu Colonizadora do Aripuanã, ex Otsar, aliou-se à Juruena Empreendimentos de Colonização Ltda.

⁷ O tesouro dos Incas estaria em Aripuanã. *O Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 14 abr. 1978, p. 10. “As riquezas da região são imensas e inesgotáveis”. Governo mato-grossense resolveu integrar Aripuanã. *Diário de Cuiabá*. Cuiabá, 2 set. 1971, p.8.

⁸ Projeto Juina. Bem vindo ao futuro! *Folha de Londrina*. Suplemento. Londrina, 7 abr. 1978, p.5.

⁹ MARTINS, José de Souza. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: SCHWARCZ, L.M. (org.), *História da vida privada no Brasil*, vol.4, pp.659-726.

¹⁰ Depoimento. Juína, 5 maio 2001.

¹¹ Depoimento. Juína, 19 nov. 2000.

¹² Depoimento. Juína, 21 set. 2000.

¹³ Depoimento. Juína, 19 nov. 2000.

¹⁴ Depoimento. Juína, 8 maio 2001. Dona Izaltina e ‘Seo’ Miguel tiveram 17 filhos, dos quais 3 nasceram mortos e dois faleceram ainda pequenos. Foram concebidos ao longo de uma vida de migrações entre o Sergipe, São Paulo e Paraná, de onde a família migrou para Juína, no início dos anos 1980.

¹⁵ Depoimento. Juína, 21 ago. 2000.

¹⁶ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 263.

¹⁷ Depoimento. Juína, 14 nov. 2000.

¹⁸ Depoimento. Juína, 19 nov. 2000.

¹⁹ MARTINS, J.S., A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: SCHWARCZ, L.M. (org.), *História da vida privada no Brasil*, vol.4, p.723.